

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “FASCISTAS, POPULISTAS, AUTORITÁRIOS E EXTREMISTAS DE DIREITA: UMA PERSPECTIVA TRANSNACIONAL E COMPARATIVA”

Organizadores:

Luis Alberto Alves*
Universidade do Porto

Karl Schurster*
Universidade de Vigo/
Universidade de Pernambuco

Quando em 2024 fizemos a proposta de lançar o desafio para um Dossiê sob o tema - **Fascistas, populistas, autoritários e extremistas de direita: uma perspectiva transnacional e comparativa** – havia a vontade de nele “veicular artigos resultantes de pesquisas originais que abordassem o fenômeno dos “novos” fascismos, populismos, autoritarismos e extremistas de direita sob uma perspectiva transnacional e comparativa”. Na sequência da reedição (2022) do “Dicionário Crítico do Pensamento da Direita”, coordenado por Francisco Carlos Teixeira da Silva, Karl Schursrter e Dilton Maynard e do relatório intitulado “A Extrema Direita no Brasil”, publicado em 2024 por Christina Vidal e Michel Gherman, a definição das “novas direitas” era um enfoque onde urgia ouvir os investigadores que, trabalhando em diferentes latitudes sobre o tema, acrescentassem densidade de conhecimento ao debate. O propósito era demonstrar como a análise comparativa pode constituir uma ferramenta essencial para a compreensão dessas dinâmicas políticas como um fenômeno global.

A resposta foi convincente e novos dados, novas leituras, novas perspectivas, focando casos do Brasil, de Espanha e de Portugal, mas incorporando nas suas análises comparações com outras realidades, trouxeram uma riqueza conceitual, teórica e prática que podemos hoje partilhar no número desta revista.

*Professor associado da Universidade do Porto. Doutor em História pela Universidade do Porto. Docente na Faculdade de Letras, no Departamento de História e Estudos Políticos e Internacionais, nos cursos de Licenciatura em História, no Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do EB e ES, no Mestrado em História Contemporânea e no Doutoramento em História. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7242-9880>

*Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação. Doutoramento em História Comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ com estágio de pesquisa na Freie Universität Berlin. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1363-119X>

de pensar, criando derivas desmemoriadas que não apenas colocam em causa princípios e ideias que julgávamos irrefutáveis e consensuais [Applebaum (2022) - *O Crepúsculo da Democracia. O Fracasso da política e o Apelo Sedutor do Autoritarismo* ou Levitsky e Ziblatt (2024) - *Como Morrem as Democracias*], como reclamam a nossa maior atenção para a nova fase política em que estamos a ficar submersos [Valentim (2024) - *O Fim da Vergonha. Como a Direita radical se normalizou*].

Paralelamente trazem-nos comparações para pessoas, ideias e processos que pensávamos varridos da História [Edição em português em setembro de 2025 da obra de Gunter Anders (de seu verdadeiro nome Gunter Stern) - *Nós, Filhos de Eichmann*].

Todos os contributos, sobretudo sustentados em investigações transnacionais (veja-se o caso do SolRem - *A Necessary Past: Remembering Solidarity and Resistance against Authoritarianism in Europe* - <https://solrem.npo.one/>) são fundamentais para, em conjunto, refletirmos sobre o antídoto a utilizar e, enquanto educadores, partilhar o maior e mais diversificado volume de informações com os nossos interlocutores (estudantes), para lhes fornecer ferramentas ao nível do pensamento e dos argumentos que permitam lidar com estas situações.

Todas as estratégias para atingir diferentes públicos são importantes desde a alegoria da árvore, à revisão de autores que nos podem emprestar uma riqueza terminológica e analítica que credibilize os nossos discursos, até aos pontos de vista que os autores dos artigos deste dossiê nos trazem dos espaços científicos e geográficos onde se situam.

Começemos pela alegoria que Scurati (2025, p. 25) partilha conosco para melhor apreendermos o que está em causa:

Uma árvore de alto porte. É assim que estamos habituados a pensar a democracia. Imaginamo-la como um carvalho, um pinheiro, um choupo. Fomos levados a pensar que só podia ser abatida por um machado ou por um raio. A democracia é, contudo, mais parecida com a videira e, tal como ela, pede amor e devoção. A videira tem de ser enxertada, podada, regada, protegida dos parasitas e atada aos seus esteios por mãos gentis e fortes. É um trabalho quotidiano, o trabalho de uma vida inteira [e de várias gerações]. Só então esta planta frágil e maravilhosa dará o doce e inebriante vinho [néctar] da democracia.

A perspectiva obriga-nos a repensar posturas de indiferença, posições de alheamento, silêncios comprometedores ou, simplesmente, falsas percepções da realidade.

Aqui entra o contributo deste número da Revista que hoje divulgamos, selecionando, à laia de Prólogo, algumas das ideias que os autores resolveram evidenciar. São vários os pilares onde assenta este contributo.

Uma primeira constatação coloca-nos perante a **realidade do problema**. Não vale a pena pensarmos que é um fenómeno passageiro ou um problema objetivo dos outros. São claros os sintomas que percorrem diferentes latitudes e que se apresentam com diferentes roupagens.

Num segundo vetor, os artigos aqui incluídos remetem-nos para uma **preocupação internacional**. Não sendo localizado, é mais difícil delimitá-lo. Mas sendo verdadeiro em diferentes geografias, a partir de diferentes regimes, protagonizados por diferentes personalidades, a sua dimensão passa a preocupar, mas, simultaneamente, é possível retirar ilações de posturas diferenciadas. O quadro comparativo ajuda a validar o essencial e secundarizar algumas nuances ou especificidades.

Em terceiro lugar elegemos a necessidade de uma **precisão e rigor conceitual** que ajude a validar as propostas que poderemos avançar. Revisar autores, sedimentar conteúdos da terminologia usada, incorporar contributos de diferentes áreas científicas, mas em particular das ciências sociais, será importante para nos ajudarem a perceber o que está em causa, desde o contexto filosófico e ideológico às repercussões sociológicas e políticas.

Numa quarta vertente, os artigos evidenciam **aspectos comuns**, caminhos semelhantes, **narrativas idênticas**, resultados perfeitamente comparáveis. Mesmo com exteriorizações específicas, essas formas de atuação remetem-nos para objetivos idênticos e repercussões igualmente perigosas. Aceitando uma terminologia esquemática que seja englobante (por exemplo a proposta de Vicente Valentim de “fase de latência, fase de ativação e fase de revelação”) podemos preencher com factos idênticos, os diferentes momentos de ascensão interna da extrema-direita e com terminologia semelhante as narrativas que compõem.

Mas há uma questão que ressalta de forma muito significativa também nos artigos - **como podemos atuar?** Duas vias muito importantes são aqui sugeridas: uma passa claramente por “não esquecer”, “não desvalorizar”, “não protelar”; a outra por ensinar História de forma diferente, não tendo medo dos conteúdos, incorporando-os se for

necessário, mas não deixar passar a oportunidade de insistir numa educação histórica mais comprometida. Como afirma Stanley (2025, p. 134):

Quando os autoritários tentam apagar a história, fazem-no através da educação, purgando determinadas narrativas dos programas ensinados nas escolas e talvez proibindo que sejam transmitidas em casa. Contudo, os autoritários não podem apagar as experiências vividas pelas pessoas nem os seus legados inscritos nos alicerces de gerações. Neste simples facto reside sempre a possibilidade de reclamar perspectivas perdidas.

Nas linhas gerais dos 4 artigos que compõem o Dossiê, é possível identificar aspetos específicos que devemos desde já elencar.

Em “A HERANÇA TRADICIONALISTA DA ULTRADIREITA: UMA AMEAÇA À SEGURANÇA ONTOLÓGICA OCIDENTAL” Rebeca Souza Rabêlo e André Mendes Pini, partindo de fenômenos recentes (Brexit, Trump, Bolsonaro) identificam uma “quarta onda de ultradireita no Ocidente a partir de 2016”. Esclarecem muito bem o significado de “segurança ontológica” e as repercussões que ela pode hoje ter quando posta em causa, seja de forma objetiva ou induzida. Identificam a globalização, a insegurança, as mudanças demográficas, os movimentos migratórios ou influências culturais externas como os catalisadores usados para evidenciar a “insegurança ontológica” construindo os seus autores a partir desses pressupostos um discurso baseado em temas como o nacionalismo, o racismo, a xenofobia, a antidemocracia, o autoritarismo ou o anticomunismo, por exemplo.

O discurso populista assim justificado, visa a divisão da sociedade de forma maniqueísta, explorar um passado nostálgico, restaurar a ordem por eles pensada, defender o tradicionalismo, explorar o medo. Com tudo isto, a ultradireita procura criar e evidenciar uma “insegurança ontológica” surgindo como os “únicos” capazes de repor o equilíbrio social. Todas estas características são naturalmente passíveis de ser identificadas em diferentes países, em diferentes opções políticas, em diferentes contextos sociais. Mas, qualquer que seja o ponto de partida, a pretensão é que à chegada, a direita, extrema-direita ou ultradireita atinja o poder!

“ENTRE O POPULISMO E O AUTORITARISMO: O BOLSONARISMO COMO MANIFESTAÇÃO DO FASCISMO” de Rodrigo Freire de Carvalho e Silva e Célia Rejane Araújo Negreiros, traz-nos esta realidade como uma “manifestação contemporânea do fascismo e da antipolítica” no Brasil. Os seus autores acentuam no discurso populista e

autoritário, a linguagem disruptiva, as promessas simples, a criminalização da política tradicional, com uma retórica de oposição às instituições democráticas e ao *stablishment* político. Inscrevem nas suas propostas: a divisão da sociedade em dois campos irreconciliáveis, a glorificação da força e naturalização da violência e da repressão, a exaltação de uma Nação homogênea e pura, uma intolerância evidente do pluralismo, um anticomunismo primário.

Esta nova postura de direita ultraradical alicerçada numa liderança tida como carismática, procura ainda ir ao sentimento religioso identificar argumentos que ajudem a suportar a sua visão fundamentalista da religião. A afirmação que “as novas direitas, ao reabilitar discursos e símbolos do fascismo, apresentam um fenômeno de “fascismo 2.0”, onde a tecnologia e as redes sociais amplificam a capacidade de disseminação de ideias extremistas” remete-nos naturalmente para a visão de Giuliano da Empoli na sua obra “Os Engenheiros do Caos” onde também aí procura retratar as formas tecnológicas usadas pelos populismos, tomando como exemplos Trump, Boris Johnson, Matteo Salvini e, justamente, Bolsonaro.

Os dois artigos finais, focam formas de atuação perante “passados sensíveis e traumáticos” por um lado, mas também como devemos usar a nossa função educativa para evitar o esquecimento e fornecer ferramentas para um pensamento crítico no presente. Evidenciam também que diferentes podem ser os meios para cumprirmos essa postura crítica: a sala de aula, o sistema judicial, o cinema...

Em “HISTÓRIA PÚBLICA, MEMÓRIA E REPARAÇÃO: O CASO OLGA BENÁRIO PRESTES” Helena Ragusa Granado, Márcio José Pereira e Cyntia Simioni Franca, apostam em demonstrar a intemporalidade de temáticas e conceitos, sobretudo porque o esquecimento favorece os discursos de ódio e os negacionismos. Todo o tempo é adequado para revisitarmos erros do passado.

A todo o momento podemos equacionar a “reparação histórica” considerado pelos autores um “conceito fundamental no campo dos Direitos Humanos e da Justiça Transicional”. E acrescentam, na linha de Paul Ricoeur, que essa reparação não deve limitar-se “ao pedido de desculpas oficial, mas deve incluir iniciativas institucionais que garantam a memória dos acontecimentos e impeçam sua repetição”. Esta luta permanente contra a fragilidade da memória histórica, obriga-nos a divulgar o mais possível, a “memória da injustiça” transformando-a numa “memória reivindicativa”.

O exemplo de Olga Benário Prestes, assassinada num campo de concentração com Elisa Berger, por conta de um “erro” da justiça, interpela-nos ainda hoje sobre a responsabilidade transgeracional e sobre o uso destes factos para cumprirmos o nosso papel de interlocutores privilegiados entre o passado e o presente. Aqui, arte como a cinematográfica pode ajudar a fazer chegar a mensagem a novos públicos (ou a um público mais alargado) como foi o caso recente do filme “Ainda Estou Aqui” retratando um outro caso, o de Marcelo Rubens Paiva.

Aceitando que “somente um historiador saberá insuflar no coração dos acontecimentos a centelha de uma esperança” (Benjamin, 1987), um professor de História tem a dupla responsabilidade de, a partir da epistemologia da sua área científica, formar cidadãos que possam lidar de forma consciente e crítica com todos estes (e muitos outros) problemas que habitam nas sociedades em que vivemos.

Nesta linha, o artigo “O POTENCIAL DOS MANUAIS DE HISTÓRIA NA PREVENÇÃO DA ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA”, de Sara Dias Trindade e Cláudia Pinto Ribeiro, produto de uma rede de investigação aqui referida já (Solrem) ajuda-nos a estar alerta perante a asserção de Stanley (2025) e do uso da História e da Educação em geral para “apagar a História”. Sendo uma luta contra o tempo, é também uma luta contra as ideias que de modo fácil chegam aos nossos estudantes. Urge reforçar os temas mais esquecidos, os enfoques menos presentes, a similitude entre casos do passado e do presente, desmontando e desconstruindo discursos sedutores.

A transposição didática deve privilegiar a multiperspectiva, o trabalho em grupo à procura de consensos discutidos através de fontes diversificadas, conseguir que ideias substantivas e fundamentadas alicercem um pensamento crítico, mas também proativo, pois, como se pode ver em muitos dos exemplos tratados neste dossier, o papel público da História é evitar o esquecimento, mas também desconstruir o populismo, o discurso vazio e enganoso, os objetivos radicais que subjazem a posturas só aparentemente democráticas.

No ano da morte de Pierre Nora (2 de junho de 2025) procuramos também honrar o autor, que, entre muitas obras, deixou-nos a antologia -“Historien public”- e um desejo: “se servir de l’histoire pour acquérir une meilleure intelligibilité de notre société contemporaine pour pouvoir y agir avec davantage de discernement” (S.H. 2025). Desejamos que a leitura deste Dossiê nos inquiete, mas também nos forneça ferramentas

para um pensamento mais rigoroso, mais atento, mais cívico, porque o nosso futuro também depende do que formos capazes de pensar e fazer no presente.

Referências bibliográficas

ANDERS, Gunter. **Nós, filhos de Eichmann**. Lisboa: Antígona, 2025.

APPLEBAUM, Anne. **O crepúsculo da democracia: fracasso da política e o Apelo Sedutor do Autoritarismo**. Lisboa: Bertrand Editora, 2022.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito da História**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CUNHA, Christina Vital da; GHERMAN, Michel; LEMOS, Beatriz; SANTOS, Lais (coord.). **Extrema direita no Brasil: sujeitos e coletivos pela “restauração nacional”** [relatório eletrônico]. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2024. Disponível em: https://br.boell.org/sites/default/files/2024-04/relatorio_extrema_direita_no_brasil_boll_final-1.pdf Acesso em 11/11/2025.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. Lisboa: Gradiva, 2023.

LEVITSKY, Steven e ZIBLATT, Daniel. **Como morrem as democracias**. Lisboa: Vogais, 2024.

SCIENCES HUMAINES. **Sciences Humaines**, n. 381, sept. 2025. Auxerre: Sciences Humaines Éditions, 2025.

SCHURSTER, Karl; *et. al.* **Novo dicionário crítico do pensamento das direitas**. Recife: EDUPE, 2022.

SCURATI, Antonio. **Fascismo e Populismo**. Mussolini hoje. Porto: Edições ASA, 2025.

STANLEY, Jason. **Apagar a História**. Como os fascistas reescrevem o passado para controlar o futuro. Lisboa: Vogais, 2025.

SOLREM. **A Necessary Past: Remembering Solidarity and Resistance against Authoritarianism in Europe**. Projeto n.º 101091335. Europa: Programa CERV, 01 jan. 2023-31 jan. 2025. Disponível em: <https://solrem.npo.one/> Acesso em 11/11/2025.

VALENTIM, Vicente. **O Fim da Vergonha: como a direita radical se normalizou**. Lisboa: Gradiva, 2024